



## REPENSAR A RESSURREIÇÃO

Andrés Torres Queiruga é um dos principais teólogos europeus da atualidade. Sucesso editorial na Espanha, onde a primeira edição esgotou em poucos meses, seu novo livro enfoca a experiência cristã da ressurreição. Revê as discussões histórico-críticas acerca da origem, explicitação e consolidação da experiência cristã da ressurreição; oferece uma clara compreensão do conteúdo desta fé e elucida suas conseqüências para nossa vida. No final, resta o convite e a esperança de ver na ressurreição de Jesus "uma mudança radical na existência" que "supõe a comunhão plena com Deus".

O tema deste livro não é aleatório nem, muito menos, uma empresa isolada. Compõe com coerência o inteiro projeto teológico do renomado teólogo galego. O verbo *repensar* vem se mostrando uma autêntica senha de acesso à preocupação central de seus escritos: devolver às pessoas o frescor do primeiro amor, ao colocá-las em contato com a experiência originária da fé. Providencialmente, é também *Repensar* o título da coleção que agora o acolhe entre nós.

Um estudo sério que, não obstante a abundância de citações e referências, tem ainda o mérito de ser muito bem escrito e proporcionar ao leitor médio ampla compreensão do tema.



Telemarketing

0800 - 7010081

## ESPIRITUALIDADE E MÍSTICA EM PERSPECTIVA TRINITÁRIA

Profa. Dra. Ir. Maria Freire da Silva - ICM

### RESUMO

O artigo tem como objetivo refletir Espiritualidade e Mística em perspectiva trinitária, mostrando os elementos pertinentes para a construção do projeto do Reino de Deus no mundo atual. Na busca de uma definição do que seja mística podemos dizer que o místico é o sujeito da experiência, o mistério seu objeto, a mística, a reflexão sobre a relação mística-mistério. A derivação etimológica desses termos vem de *myein* (fechar os lábios ou os olhos), donde, por transposição metafórica, iniciar-se, do qual deriva o complexo vocabulário: *mýstes*, iniciado, *mystikoós*, que diz respeito à iniciação, *tá mystiká*, os ritos de iniciação, *mistikós* (advérbio), secretamente e, finalmente *mysterion*, objeto da iniciação. Essa terminologia vem do culto grego dos mistérios. Na Bíblia o termo é desconhecido, porém, no cristianismo é a experiência de vida nova comunicada pelo Espírito do Pai e do Filho. A mística é essa etapa do caminho espiritual em que Deus invade a pessoa, e toca nas profundezas do seu ser e a transforma; não implica a evasão da própria responsabilidade no cumprimento da missão, ao contrário, conduz à doação generosa e desinteressada no serviço aos outros. No NT Jesus é o grande místico, conhece e revela o Pai, comunica a vida divina. O que vimos com nossos olhos, o que contemplamos, e o que nossas mãos apalpam do Verbo da vida... (Jo 1, 1-3).

Palavras Chaves: Mística – Koinonia - Pericórese – Comunhão

## ABSTRACT

### Spirituality and Christian Mystic in the Trinitarian Perspective

The article has as its objective to reflect Spirituality and Christian Mystics in Trinitarian perspective, showing the pertinent elements for the construction of the project of the kingdom of God in the world of today. In the search of a definition of what is mystic, we can say that a mystic man is a subject of experience, the mystery its object, and the mystic, the reflection about the relationship mystic-mystery. The etymological derivation if such terms come from "myein" (close the lips or the eyes), wherefrom, through metaphorical transposition, to initiate oneself, from which derives the complex vocabulary: *mystes*, initiated, *mystikós*, which concerns the initiation, *tá mystiká*, the rites of initiation, *mistikós* (adverb), secretly and, finally *mysteion*, object of initiation. This terminology comes from the Greek cult of mysteries in the Bible, the term is unknown, and nevertheless, in Christianity it is the experience of new life communicated by the Spirit of the Father and of the Son. Mystics is this stage of the spiritual way in which God invades the person, touches the depth of the being and transforms it, it does not implicate the evasion of its own responsibility in the accomplishment of the mission, on the contrary, it leads to the generous and unselfish donation in the service of others. In the New Testament Jesus is the great mystic, he knows and reveals the Father, he communicates divine life. What we have seen with our eyes, what we contemplate, and what our hands have touched of the Verb of live... (Jn 1, 1034)

Key Words: Mystic – Koinonia – Pericoreis -Communion

## INTRODUÇÃO

Quando falamos de espiritualidade precisamos ter presente que sua noção é moderna e que como tal não aparece entre os antigos. Esses falavam em teologia espiritual, de ascética e mística ou simplesmente de vida

cristã e evangélica. Os primeiros séculos conservam certo número de escritos das comunidades judeu-cristãs, como a Didaqué, Os Odes de Salomão, a carta de Barnabé, o Pastor de Hermas, que refletem a vida espiritual da comunidade. Através da Didaqué conhecemos as práticas da vida cristã no âmbito da tradição judia e evangélica. Os Odes de Salomão refletem uma exaltação mística, revelando um fervor espiritual surpreendente para aquela época. A carta de Barnabé desenvolve uma espiritualidade do batismo, uma leitura tipológica da Escritura em que o autor faz uma configuração da vida cristã com o novo templo habitado pelo Espírito Santo. Já o pastor de Hermas mostra uma imagem de Igreja idealizada<sup>1</sup>.

Porém, todos os escritos judeu-cristãos em particular a Didaqué acentuam a escatologia o que polariza toda a vida espiritual das comunidades. A experiência espiritual e mística é perpassada pela ressurreição, onde a pessoa experimenta a transcendência e ao mesmo tempo faz a experiência da Cruz de Jesus o que faz com que o místico/a viva o dinamismo da *kénosis*. *Kénosis* vem no sentido de que configurado com Cristo o ser humano mergulha no aniquilamento dos próprios interesses e projetos para modelar-se na força do Espírito e contemplar o rosto do Pai através da missão de Jesus Cristo.

A palavra grega "*Kenosis*" se encontra na Epístola de S. Paulo aos Filipenses onde se pode ler: Cristo existindo na forma (ou natureza) de Deus, não julgou que fosse uma rapina o ser igual a Deus, mas aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de escravo, tornando-se semelhante aos homens, e sendo reconhecido por condição como homem. Humilhou-se a si mesmo, feito obediente até a morte e morte de cruz (Filip 2, 6-7).

O termo "*aniquilado*", em grego é "*ekenosen*", que literalmente quer dizer esvaziar-se, tornar-se nada. Evidentemente, este termo "*esvaziar-se ou aniquilar-se*" de Cristo é entendido analogicamente, humilhou-se, tornou-se homem, com a encarnação do Verbo. Ele assumiu a natureza humana sem perder a natureza divina. Portanto, Cristo o Filho de Deus viveu na vida a

<sup>1</sup> A. HAMMAN; "Espiritualidad" in Diccionario Patristico y de la antigüedad cristiana, vol. I Salamanca 1998.

dialética da cruz e da ressurreição, tornando-se para nós modelo de místico, daquele e daquela que vive o mergulho em Deus.

## 1 – O TERMO MÍSTICA

Na busca de uma definição, podemos dizer que o místico é o sujeito da experiência, o mistério seu objeto, a mística, a reflexão sobre a relação mística-mistério. A derivação etimológica desses termos vem de *myein* (fechar os lábios ou os olhos), donde, por transposição metafórica, iniciar-se, do qual deriva o complexo vocabulário: *m\_stes*, iniciado, *mystikoós*, que diz respeito à iniciação, *tá mystiká*, os ritos de iniciação, *mistikós* (advérbio), secretamente e, finalmente *mysterion*, objeto da iniciação. Essa terminologia vem do culto grego dos mistérios. Na Bíblia o termo é desconhecido, porém, no cristianismo é a experiência de vida nova comunicada pelo Espírito do Pai e do Filho. A mística é essa etapa do caminho espiritual em que Deus invade a pessoa, e toca nas profundezas do seu ser e a transforma, não implica a evasão da própria responsabilidade no cumprimento da missão, ao contrário, conduz à doação generosa e desinteressada no serviço aos outros. No NT Jesus é o grande místico, conhece e revela o Pai, comunica a vida divina. O que vimos com nossos olhos, o que contemplamos, e o que nossas mãos apalparam do Verbo da vida... (Jo 1, 1-3)

*Pseudo-Dionísio*, herdeiro de uma tradição anterior, é o primeiro a falar de "Teologia Mística" que é o conhecimento perfeito de Deus – sugere a idéia de algo escondido, secreto. O fenômeno mística designa um movimento face a um objeto que se encontra além dos limites da experiência empírica. A mística cristã se caracteriza por sua relação com o mistério de Cristo, com o desígnio divino de reunir todas as coisas em Cristo (Ef 1, 9-10; Col 1, 20-27).

*O Mistério da Escritura* – a Bíblia por sua índole espiritual é rica em mistério e, portanto, essencialmente mística. A Patrística destaca a meditação da Escritura, o que está escondido por baixo do texto. Essa meditação leva a uma transformação interior, espiritual e a uma contemplação adorante a

mística litúrgica. A Filosofia grega contrapõe o tempo à eternidade. A economia salvífica apresenta os aspectos inseparáveis: a história no tempo, porém ancorada em uma dimensão de eternidade. Este é o mistério da Eucaristia, da liturgia.

*A visão espiritual da totalidade da existência* – A partir do séc. IV para os padres gregos parece coincidir com a teoria da contemplação. Porém, há uma certa influência da teoria platônica. A questão da experiência de Deus se deve colocar unicamente na dimensão do intelecto, ou um contato direto com a divindade?

*Obejo da contemplação é a totalidade do ser* – se trata, pois, de pôr a descoberta a realidade do universo, que para os cristãos coincide com a compreensão das diversas encarnações do Logos- Cristo (cf H. de Lubac, *Histoire et Esprit*, Paris 1950). Portanto de uma realidade espiritual que não pode ser confundida com a realidade intelectual dos gregos, porque é mística.

*A Mística da Luz* - Para os cristãos o mistério divino se conhece graças à revelação do Espírito Santo que pode ter graus diversos. Fala-se de êxtases, segundo a definição da oração proposta por S. Nilo, significa um total arrobamento do Espírito fora do mundo sensível (Ad Magnam, 27, PG 79, 1004 A). No êxtase significa que toda inteligência é envolvida, possuída por Deus. Evagrio, diz que o êxtase está ligado à teologia apofática, o que significa a ignorância dos conceitos da intelectualidade pura. O entendimento, imagem de Deus se converte em luz pura e reflete a luz da Trindade Santa. Porém, não é algo fora de si, não é um estado estático. É a verdadeira mística da luz.

*Gregório de Nissa* – parte de uma visão mística tendo como ponto de partida a figura de Moisés que sobe ao monte Sinai; a) Na luz se realiza a purificação; b) nas nuvens a alma penetra na contemplação dos inteligíveis; c) Nas trevas se alcança o último grau do conhecimento e então a alma (pessoa) se adentra por um novo caminho, o caminho do amor vestindo as vestimentas do amor. Trata-se de uma verdadeira mística: uma saída do

estado intelectual. Com o ardente desejo de Deus, a alma adquire um novo conhecimento de Deus-caridade e o amor desta forma se faz conhecimento<sup>2</sup>.

No NT - a mística significa um mergulho no mistério da cruz de Cristo. Conhece o mistério da Cruz e se compromete com ela quem se deixa iluminar pelo Espírito Santo que sonda as profundidades (1 Cor 2, 2; cf. 1, 23; Rm 16, 25; 1 Cor 1, 23; 2, 3). É na fraqueza que o apóstolo vive sua sintonia com Deus mediante o crucificado.

Portanto, o místico, a mística é alguém que faz a experiência da unidade-comunidade-presença, enraizado no Cristo crucificado e ressuscitado. Por ser uma pessoa de fé, vive o sentido da aliança, consciente de que Deus Pai é o Deus da misericórdia revelada em Jesus e derramada no Espírito Santo. O místico é alguém que tem consciência de viver sobre a misericórdia e a graça divina. Tem o sentimento de gratidão, de disponibilidade diante da livre iniciativa de Deus, da necessidade do perdão e da renovação da esperança confiante. Regida pela caridade, a experiência mística cristã demonstra definitivamente o conhecimento do mistério da caridade, aberta ao movimento de entrega de si segundo a medida de Cristo.

O místico vive no amor e pelo amor com que se percebe é que se vê obrigado a amar. A mística trinitária exige uma abertura permanente do (a) místico (a) em relação ao amor do Pai revelado no Filho e a graça do Espírito Santo<sup>3</sup>.

## 2 - ESPIRITUALIDADE E MÍSTICA DO MARTÍRIO

Um dos momentos fecundos de uma mística enraizada na cruz de Cristo iluminada por sua ressurreição é a experiência martirial dos primeiros séculos do cristianismo.

Com Inácio de Antioquia, (107-110) a espiritualidade assume duas direções complementares: *uma eclesial e outra individual*. Sendo o bispo homem eclesial, a vida espiritual se desenvolve na Igreja, na Assembléia, sede privilegiada da oração na Eucaristia na obediência e na união com o bispo. Cristo ocupa o lugar da vida espiritual e essa, consiste em tornar-se revestido do Cristo através de sua paixão, morte e ressurreição. A Eucaristia é ao mesmo tempo esse mistério e essa esperança. A Eucaristia, ápice da vida da Igreja, o Ágape maior, alimenta a relação amorosa do místico com o Pai comprometendo-o com a missão de Jesus Cristo no dinamismo do Espírito. O martírio é uma liturgia e um caminho mais breve para se chegar a Cristo e ao Pai. Homem crucificado com Cristo, Inácio afirma a unidade da Igreja numa comparação entre a harmonia das cordas à cítara. "...a partir de cada um, que vos torneis um só coro, a fim de que, na harmonia de vosso acordo, tomando na unidade o dom de Deus, canteis a uma só voz, por meio de Jesus Cristo, um hino ao Pai, para que ele vos escute e vos reconheça por vossas boas obras, como membros do seu Filho" não se cansa em advertir a comunidade a caminhar firme nos ensinamentos dos apóstolos<sup>4</sup>. Homem fervoroso amante da unidade eclesial, Inácio vive a contemplação do mistério divino imbuído da mística martirial. No momento mais difícil de sua vida, permanece em comunhão com todas as comunidades da Ásia<sup>5</sup>. Sua espiritualidade é um mergulho no mistério da cruz e da ressurreição em perspectiva trinitária.

Policarpo, momentos antes de morrer, mostra-se totalmente imerso no mistério trinitário ao rezar: "Senhor, Deus todo poderoso, Pai de teu Filho amado e bendito, Jesus Cristo, pelo qual recebemos o conhecimento do teu nome; Deus dos anjos, dos poderes, de toda criação e de toda a geração de justos que vivem na tua presença! [...] Eu te louvo, te bendigo, te glorifico, pelo eterno e celestial sacerdote Jesus Cristo, teu Filho amado, pelo qual seja dada glória a ti, com ele e o Espírito, agora e pelos séculos futuros. Amém!"<sup>6</sup>.

<sup>2</sup> T. SPIDLK., *Mística* in Dic. Patrístico y de la antigüedad cristiana vol II J-Z, pp.1457-1458.

<sup>3</sup> G. MOIOLI., *Mística Cristã* in Dic. de espiritualidade, Paulus,1993. Pp.769-779.

<sup>4</sup> I. DE ANTIOQUIA; Carta aos Esmiorniotas XII, 1; carta aos Magnésios, p. 94

<sup>5</sup> Idem., p. 773

<sup>6</sup> POLICARPO DE ESMIRNA, "O Martírio de S. Policarpo" in *Padres Apostólicos*, São Paulo 1995. Pp. 464-478.

É uma espiritualidade que tem seu núcleo na força da cruz e da ressurreição de Jesus, reconhecendo o Pai como princípio de toda criação digno de glória mediante o Filho amado e o Espírito Santo que é o dinamismo fascinante no coração da história. Policarpo viveu a dinamicidade da comunidade de Esmirna na metade do segundo século depois de Cristo. Em 155, aos 85 anos de idade foi preso e condenado à fogueira. A comunidade é elogiada por sua fidelidade a palavra de Deus. Na forma de apresentar Jesus para a comunidade de Esmirna, o Apocalipse acentua dois aspectos: a) Jesus é o Senhor da História, o Primeiro e o Último; b) a identidade entre o crucificado e o ressuscitado, uma vez que o mesmo Jesus que esteve crucificado agora está Vivo.

Diante das tribulações, da perseguição pela qual passa a comunidade, o ressuscitado promete a coroa da vida, como prêmio à comunidade em sua fidelidade ao Projeto de Deus (Ap 2, 10). Policarpo foi fiel à promessa do ressuscitado, recebeu o prêmio prometido ao vencedor<sup>7</sup>. Professou uma fé inabalável, uma personalidade totalmente modelada pelo mistério trinitário, uma consciência sólida de ser cristão, um espírito eclesial perpassado pelo desejo de unidade na Igreja. Um verdadeiro missionário e testemunho do crucificado, apontando para a realidade da ressurreição, não se amedronta nem mesmo diante do martírio. A oração do mártir precedente ao horário da morte é uma das mais belas profissões de fé na Trindade<sup>8</sup>. Indubitavelmente, tanto em Inácio como em Policarpo de Esmirna, vemos formar-se uma espiritualidade do martírio uma mística inabalável<sup>9</sup>.

As mártires, Perpétua e Felicidade, no momento martirial, têm consciência de que suas vidas estão a serviço da edificação da Igreja, atestadas pelo mesmo Espírito Santo e por Deus Pai Onipotente e por Jesus Cristo seu Filho. São mulheres da escuta e do deixar-se instruir pelo Espírito Santo. As duas juntas a outros companheiros mártires, testemunham a adesão radical

ao seguimento de Jesus Cristo. A experiência de comunhão e unidade perpassa a vida dos mártires, e dá força para enfrentar o sofrimento, na transcendência da dor e da humilhação<sup>10</sup>. Perpétua e Felicidade enfrentam o martírio com o rosto iluminado e passos tranqüilos, acreditando que com o sangue derramado lavar-se-ia com o segundo batismo. Obrigadas a vestir as roupas de sacerdotisas de Ceres, refutam afirmando que jamais serão violadas em sua liberdade. Firmes ancoradas no ressuscitado passando pela cruz exorta os irmãos a não fraquejarem na fé dizendo: "Permaneçam firmes na fé e amem uns aos outros e não os escandalizeis com nossos sofrimentos"<sup>11</sup>.

Os mártires são conhecidos como homens e mulheres configurados com Cristo vivendo no Espírito o advogado dos cristãos. Vivem a dialética da cruz e ressurreição, desafiando o império anunciando com a própria vida o mistério divino. Sua mística nasce de uma certeza na advocacia do Espírito na comunidade e da compreensão da ressurreição. Acreditam que nada espanta onde reina a caridade do Pai e nem onde brilha a glória do Cristo<sup>12</sup>.

São Cipriano, em carta enviada a Moisés e Máximo, presbíteros, e aos demais confessores da fé através do martírio, compara o testemunho desses como resultado da experiência do mandato do Senhor: "*Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulas, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e erisinando-as observar tudo quanto vos ordenei. E eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos!*" (Mt 28, 19-20). É uma fêvida exaltação à glória do martírio. Aqui se percebe toda uma experiência martirial que se desenvolve a partir do compromisso com Jesus Cristo, mas relacionada com o mistério absoluto de Deus Pai onde o Espírito Santo é o grande instrutor, Aquele a quem a comunidade consulta em suas aflições e decisões. O ser humano, o mártir é alguém tragado pelo universo de comunhão e unidade com o mistério trinitário. Sabe ler nos acontecimentos, na história a Palavra de Deus encarnada, Jesus o crucifica-

<sup>7</sup> C. MESTERS, F. OROFINO; *Apocalipse de São João*, Petrópolis 2003. Pp. 131-133.

<sup>8</sup> SAN POLICARPO; *in Actas de los Maátires*, Madrid 1987.pp. 265-279.

<sup>9</sup> Idem., p. 773

<sup>10</sup> "Martirio de as santas Perpetua y Felicidad y de sus compañeros" *in Actas de los Maátires*, Madrid 1987.pp. 419440.

<sup>11</sup> Actas De los Martires, BAC p. 438.

<sup>12</sup> "San Potino y los mártires de Lión" *in Actas de los Maátires*, Madrid 1987. pp. 329.

do, compreende através do dicionário Divino, o Espírito o sentido da palavra e o cerne de seu compromisso. Numa releitura trinitária da mística martirial podemos afirmar que o mártir vive mergulhado no mistério inconformado com o mundo das trevas, expressa o esplendor da Trindade Luz mediante a força da ressurreição.

*Os apologetas* se preocupam em apresentar o cristianismo aos pagãos mais do que expor a vida espiritual. Justino testemunha a vida sacramental e comunitária dos fiéis. Os cristãos, iluminados por Cristo, se tornam conhecedores da verdade e espaço da graça levando uma vida virtuosa (*II Apo. 10, 3*). A carta a Diogneto ilustra a vida cristã mostrando que os cristãos são a alma do mundo para irradiar o amor de Deus a toda criação (*Diogn. 6*). Irineu descobre em toda sua obra a subida progressiva face ao conhecimento de Deus. Deus vai preparando lentamente o ser humano para acolher o Verbo. Subida lenta que significa purificação e transformação (*Adv. haer. IV, 38, 3; Demonst. 7*). A literatura apócrifa, manipulada por correntes heterodoxas, revela um singular fervor espiritual. Nela podemos encontrar uma irrupção da redenção do mundo por Cristo, recuperação universal do cosmos mediante a ressurreição, fé em uma escatologia que se realiza, e uma exaltação da mulher virgem.

No século III, dois centros principais se destacam: Alexandria e Cartago. A Igreja se vai desenvolvendo apesar da perseguição cada vez mais violenta, conservando seu espírito vigilante e de preparação ao martírio. A caridade vivida se manifesta comunitariamente em iniciativas concretas. Tertuliano mais que um mestre de espiritualidade é um polemista e um moralista, que desenvolve os seguintes temas espirituais: a) o batismo, b) a oração c) o martírio, d) a paciência, e) a castidade, expressando um ideal que chega ao heroísmo e ao martírio. Já em Cipriano se encontra a dimensão pastoral e espiritual. Seus temas preferidos são a Igreja una, a oração, o martírio e a vigilância. Clemente de Alexandria apesar de suas preocupações metafísicas, afirma que ao crente iluminado rumo à perfeição o perfeito modelo é Cristo (*Ped. I, 2, 4*).

A obra de Orígenes é toda marcada pela vida espiritual. Sua referência principal é a inabituação divina que constitui o justo em templo de Deus e do

Espírito. Da união com o divino nasce a unidade interior (*De or. 21, 2*). Essa ascese é profundamente escatológica. De Nicéia à Calcedônia a catequese batismal, ao mesmo tempo doutrinal, ascética e litúrgica ocupam lugar privilegiado. A quaresma é tempo de retiro para os catecúmenos. A pregação do Oriente e do Ocidente oferece elementos de uma doutrina espiritual para o povo cristão. Alimentada pela Sagrada Escritura e da Liturgia, se busca a santificação do matrimônio da família, a ponto de João Crisóstomo afirmar: o lugar doméstico "é uma pequena Igreja". No século IV no Oriente e Ocidente se desenvolve uma teologia espiritual herdada de Orígenes.

Gregório de Nissa é definido como o padre da mística Sua influência repercute especialmente na doutrina espiritual de Diadoco de Fótiça e de Máximo Confessor. Máximo afirma que sem saber o homem caminha para Deus, seu desejo torna-se naturalmente contemplação e que Deus desce ao humano no silêncio. Há uma passagem da ascese à liberdade interior e daí se chega a contemplar no Espírito a verdade das coisas<sup>13</sup>. Pseudo-Dionísio traduzido freqüentemente para o latim, introduz essa teologia mística que influenciará os Vitorinos e Boaventura<sup>14</sup>.

### 3- A RELAÇÃO COM DEUS PAI

Em toda tradição bíblico-cristã a comunhão de amor com o Pai, adorado em Espírito e verdade (Jo 1, 3; 2, 5. 24,27; 4,23) implica a fé em Cristo e a observância do mandamento de amor fraterno. Este é o seu mandamento: *Que creiamos no nome de seu Filho Jesus Cristo e nos amemos uns aos outros* (1Jo 3, 23). O discípulo é atraído ao Pai mediante o Filho: (Jo 6, 44). O discípulo cumpre um caminho na luz e no amor (1Jo 1, 7; 2,6) que o conduz a uma íntima comunhão e interpenetração com Jesus, com o Pai e com os discípulos, uma verdadeira pericórese (Jo 14,20; 17, 21).

<sup>13</sup> "Máximo, o Confessor" in *Dicionário de Mística*, São Paulo 2003.

<sup>14</sup> A. HAMMAN; "Espiritualidad" in *Diccionario Patristico y de la antigüedad cristiana*, vol. I Salamanca 1998.

O encontro com o Espírito, o Consolador, é interior, instrutivo para viver a mensagem de Jesus. É no abismo do infinito de Deus que se cumpre a aventura mística do fiel na sociedade onde vive. A Espiritualidade em sua dimensão experiencial é experiência religiosa, isto é, atividade de contato e comunhão com Deus. "O Concílio Vaticano II acentuou as imagens bíblicas da Igreja como povo de Deus e corpo de Cristo; e a liturgia pós-conciliar insiste numa vida espiritual mais comunitária, tendo Cristo como fundamento da união com Deus"<sup>15</sup>

- Em dimensão trinitária – a vida cristã procede e tende à comunhão com Deus- uno e trino e se especifica:

a) em relação com o Pai como existência filial e disponibilidade ao plano salvífico – filhos de Deus.

b) em relação ao Filho significa vida em Cristo, e, como seguimento de Jesus, o ser humano se deixa modelar pelo mistério pascal na dialética: Cruz - Ressurreição.

c) em relação ao Espírito Santo como caminho espiritual de maturidade e de renovação – o homem espiritual e carismático -faz a experiência do denominado homem novo – a nova criatura paulina.

A Espiritualidade, como experiência de Deus Pai, leva o ser humano à fascinação. A descoberta pessoal do divino leva ao amadurecimento com base no amor e na aceitação da missão no plano da salvação.

A espiritualidade leva ao compromisso comunitário, a formar comunidade, estar em comunhão, ser solidário. Há uma dialética entre a relação com Deus e o compromisso com os irmãos e com o cosmos. A espiritualidade está inter-relacionada com a Aliança que Deus fez com a humanidade e com toda a sua criação<sup>16</sup>. Essa aliança de comunhão acontece como consequência do modelo trinitário que vive em sua vida ad intra o dinamismo pericorético de amor.

Nas relações intratrinitárias há a denominada inter-penetração entre Pai, Filho e o Espírito Santo. Mantendo a unidade, vivem a distinção na diversidade. Nesse dinamismo, o amor constitui a essência de Deus, porque Deus é amor (1 Jo 4, 8.16). A verdade é a contemplação de Si através do Outro no Terceiro: Pai, Filho e Espírito Santo. Na Trindade, trata-se de um movimento eterno de Amor que responde, do Amor triunfante que celebra e edifica o Amado, da transmissão de glória de pessoa a pessoa. Como disse Gregório de Nissa: "O Filho é glorificado no Espírito Santo, o Pai é glorificado no Filho, o Filho recebe a glória do Pai e se torna a glória do Espírito Santo. Pois o Pai não vem glorificado senão da verdadeira glória do unigênito e o Filho da grandeza do Espírito Santo"<sup>17</sup>.

Deus-Pai é, na vida trinitária, o princípio, a origem, o mistério abissal, o ingênito, o incriado. Sem dúvida, nos testemunhos neotestamentários, sobretudo paulinos e joaninos, comungam na afirmação de que na paternidade de Deus há um fundamento cristológico-soteriológico. Nas cartas de Paulo, Deus é indicado como Pai quarenta vezes e quase que exclusivamente através das fórmulas litúrgicas (Rm 1, 7; 1Cor 1, 3; 2Cor 1, 2); hinos de louvor (Rm 15, 6; 2Cor 1, 3; Ef 1, 3) confissões (1Cor 8, 6; Ef 4, 6); e súplicas (Ef 5, 20; Col 1, 12). Ao lado das fórmulas, Paulo destaca "Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo (Rm 15, 6; 2Cor 1, 3; 11, 31). Na comunidade primitiva Deus é manifestado como Pai em Jesus Cristo e, portanto pode ser como tal reconhecido Nele. A paternidade de Deus não é um dado natural, mas, um prodígio escatológico (Rm 8, 14ss; Gal 4, 1ss). O Filho é o unigênito o gerado no seio do Pai. O Espírito Santo é aquele que procede do Pai e com o Pai e o Filho é adorado e glorificado conforme nos afirma o Concílio de Constantinopla I (381). Na experiência mística, a paternidade de Deus se expressa mediante o temor do fiel e sua fidelidade no empenho de um comportamento exemplar de filho de Deus.

<sup>15</sup> M.R. DEL GENIO., "Mística" in Dicionário de Mística, Loyola; Paulus, São Paulo 2003.

<sup>16</sup> Cf. Dicionário de Espiritualidade., Paulus, 1993; Dicionário de Mística., Loyola 2003.

<sup>17</sup> L. ZAK., *Verità come ethos: la teodicea trinitaria di P. A. Florenskij*, 264-266. Roma 1998.

### 3.1- O Filho Amado

O Filho, Jesus Cristo, é, na vida trinitária, o gerado-amado do Pai por toda eternidade, o Filho em ritmo de amor é o Ser em acolhida. Recebe o dom-amor, acolhe-o, devolve-o e o transmite. Jesus, na comunhão trinitária faz a experiência de filiação. Ele é o Filho amado do Pai. Ele vive a dinamicidade do Espírito, sua ação missionária na libertação do povo. O mistério pascal de Jesus é o dinamismo da vida de todos os cristãos que assumem, com radicalidade, o *Projeto do Reino*. A vida cristã se constitui num duplo processo de identificação com o crucificado. Porém, Jesus é compreendido à luz da ressurreição. O ser espiritual vive a novidade da contradição: cruz-ressurreição. Esse é o homem novo segundo São Paulo. Do conceito neotestamentário de koinonia é indivisível aquele de sofrimento. Quem aspira os mesmos sentimentos de Cristo deve configurar-se com Ele (1 Pt 4, 1; 2Cor 11, 23ss), o sofrimento do cristão. (Pt 4, 16) significa comunhão com a paixão de Jesus (Pt 4, 13; Filp 3, 10), sofrer com Ele (Rm 8, 17).

Assim o sofrimento de Cristo e aquele da Igreja são identificados no sentido de união mística (2 Cor 1, 5): conforme o modelo Igreja Corpo de Cristo. A comunhão no sofrimento une todas as Igrejas (1Ts 2, 14; 1Pt 5, 9) e os membros da mesma comunidade. A solidariedade de fé no âmbito eclesial (1Cor 12, 26; Hb 10, 34) não requer somente participação comum no sofrimento, mas compartilhar de toda existência e, portanto do dinamismo da ressurreição. Todavia, o sofrimento da Igreja identificado com o sofrimento de Cristo precisa que seja injusto e relacionado à própria missão e vocação, um sofrer enquanto cristão (1Pt 4, 16). Somente nesse contexto torna-se diaconia, pois se distingue do sofrimento do injusto do malfeitor e do assassino (4, 15; Lc 23, 32ss). O verdadeiro sofrimento pelo reino de Deus acontece em nome de Jesus Cristo (At 9, 16; Filp 1, 29) e pelo evangelho (2 Tt 1, 8), esse é graça porque se realiza em vista da justiça e da esperança no mundo vislumbrando a chegada do reino de Deus ( 2Ts 1, 5). Porém, no conceito Paulino, o sofrimento não é comparável à glória futura. Daí que o sofrimento pode ser experimentado numa antecipação da glória que virá (Filp 1, 19; 1Pt 2, 19). O

Cristo ressuscitado não é só consolação do sofrimento, mas, constitui o cumprimento da promessa de Deus contra o sofrimento<sup>18</sup>. O/a místico/a é alguém imbuído dessa realidade, vive no aqui e agora a dimensão escatológica do Espírito participando da missão de Jesus Cristo.

### 3.2- O Espírito Santo

O Espírito no ritmo trinitário do amor é vínculo de amor, constitui a identidade na diferença na comunidade trinitária. Na história da salvação, Ele é o êxtase de Deus. O Espírito procede do Pai mediante o Filho. Com o Pai e o Filho é adorado e glorificado (Concílio de Constantinopla – 381). Na perspectiva trinitária o Espírito Santo é denominado motor de libertação, princípio de diferenças e de comunhão dinamismo da criação. Do ponto de vista de Paul Tillich, mediante a fé e o amor o Espírito Santo eleva o ser humano à unidade transcendente de uma vida não ambígua. Ele cria o novo ser<sup>19</sup>. A estrutura trinitária do ser humano como criatura aponta para a obra do Espírito Santo. Sendo Ele em Deus o amor que unifica e se doa, manifesta a distinção comunhão entre Deus e o mundo, entre o divino e o criado. Assim como na vida ad intra divina o Espírito é síntese de amor na diversidade, assim é motivo de unidade entre Criador e criatura. A estrutura trinitária dos seres humanos, criados em Cristo como filhos no Filho, se plenifica com o dom do Espírito que santifica e unifica. É sempre no Espírito que se dá a capacidade receptiva e ativa de responder com amor à própria vocação de amor. Só na lógica do dom total de si e do acolhimento sem reserva do outro é possível superar o ostracismo pessoal e social.

O Papa João Paulo II em sua Encíclica *Dominum et Vivificantem* afirma que o Espírito santo dado aos apóstolos, como Paráclito, é a guarda e o animador da esperança no coração da Igreja. A antropologia da relacionalidade,

<sup>18</sup> B. GARTNER., "Sofferenza" in *Dizionario dei concetti biblici del nuovo testamento*, Bologna 2000. Pp. 1753-1758.

<sup>19</sup> P. TILICH in *Dizionario dei teologi*, Bologna 1992 p. 618.

como antropologia trinitária, é exaltação da gratuidade na reciprocidade do dom de si ao outro. A gratuidade vivida antropologicamente se movimenta na diferença qualitativa entre o mistério trinitário e o mistério humano. Portanto, a mística em perspectiva trinitária, traz a superação de toda e qualquer vida enclausurada nos salões da injustiça e centrada na busca de si mesma. Essa mística denuncia os limites de um mundo que, em sua evolução científica, tecnológica, não evolui em métodos capazes de defender a vida e construir uma cultura de paz<sup>20</sup>. Fundamentalmente, mística significa um encontro entre a sabedoria trinitária e a sabedoria humana. É um estado novo do ser, onde o amor é a via por excelência<sup>21</sup>. É a identidade compressa como ato de três.

#### 4- O EVENTO DIALÓGICO ENTRE DEUS E O HUMANO.

O amor para com a criatura pertence à essência do próprio Deus. E desta essência deriva o auto-vinculamento que vai até a cruz. No cristianismo, Jesus é o lugar privilegiado da revelação de Deus na história da salvação. A ressurreição de Jesus é reconhecida como revelação suprema da Trindade. A espiritualidade cristã, implica plena obediência de amor a Deus mediante a oração e a ação permanente. A verdade do homem vem revelada na criação (*Gn 1, 1*), e no processo da nova criação é um ser novo em Cristo. Na experiência do Espírito do ressuscitado a comunidade vive a dinâmica da kénosis e o dinamismo da nova criatura o tornar-se pessoa processualmente.

##### 4.1 – A Forma da Pessoa

A forma da pessoa surge no campo pessoa – meio ambiente. Este campo tem uma série de dimensões diferenciáveis: a) a natureza que consiste tanto na estrutura genética de cada pessoa, quanto na região, terra de

<sup>20</sup> N. CIOLA., *Teologia trinitaria: storia, metodo, prospettive*, 2000. pp.220-225.

<sup>21</sup> L ZÁK., *Verità come ethos; la teodicea trinitaria di P. A Florenskij*, Roma 1998. pp. 259-261.

nascimento; sociedade que marca sua origem e condiciona seu futuro; e a região de transcendência representada através de religião e sistemas de valores. As influências deste meio ambiente e as próprias discussões com ele é que constróem sua forma. Na medida em que a pessoa ganha forma ela adquire individualidade e sociabilidade, pois a forma a liga com seu meio ambiente para ser uma unidade viva, e, a diferencia desse meio ambiente como alguém que é um determinado ser vivo. A forma se desenvolve tanto no sentido externo, quanto interno, o denominado corpo e alma, centro e periferia, inconsciente e consciente. Na relação consigo mesma, a pessoa forma sua forma e é por ela formada. Corpo e alma interior e exterior formam uma aliança. Há na pessoa o que chamamos de centralizações. Estas surgem por causa de determinados interesses e representam os mesmos. Se um determinado interesse deixa de existir, então, também a centralização se afrouxa, e a estrutura de razão e vontade que havia sido construída para satisfazer este interesse novamente se dissolverá. Isto não significa que estas centralizações internas sejam secundárias ou mesmo natureza caprichosa. A vida humana é sempre vida interessada, participativa, aceita, amada. Não existe nenhuma vida humana sem centralizações. Porém, não são as mesmas em todos os lugares, é possível que se encontrem em dissoluções e construções. Num ambiente satisfatório estas centralizações internas aparecem.

O tornar-se pessoa pode ser compreendido interna e externamente, como processo de confiabilidade e de fidelidade: pessoa fiel a sua promessa é fiel a si mesma<sup>22</sup>. Aqui, é preciso retomar a reflexão sobre o Espírito criador, que perpassa toda pessoa humana em sua forma corpo-alma ( 2 Cor 4, 10). Ele é o princípio de organização e de comunicação. Todos os seres viventes existem como sistemas abertos, existem para dentro de seu futuro. Seu futuro é o espaço de suas possibilidades abertas, o qual é limitado através do seu passado e do seu meio ambiente. A comunidade é espaço do surgimento das centralizações, por possibilitarem a comunhão, a solidariedade, a inter-relação, na construção da pessoa como sujeito para um projeto.

<sup>22</sup> J. MOLTSMANN., *Doutrina ecológica da criação...*, 350-373.

O mistério da vida humana pode facilmente ser entendido: quem preservar a sua vida e retê-la, vai perdê-la (Mt 10, 34-39). Isso exige educar para um projeto. A sociedade é clara. Forma alguém, para o trabalho, para a eficiência, a competição, a possibilidade de fazer carreira de ser bem sucedido. Qualquer um que não se enquadre é um fracassado. Porém, isso não é nenhuma questão anti-ética, pelo fato de fazer parte do cotidiano de nossa vida. O único absoluto da sociedade é o mercado, e esse, é glorificado no desenvolvimento econômico, as custas da crucificação do social e dos gemidos da cultura sem o grito da ressurreição e a possibilidade do nascimento de novas gerações. Numa comunidade o desafio é maior, pois coloca Deus como Absoluto. A sociedade se sustenta naquilo que chama democracia, a comunidade cristã se mantém sobre o que denomina de comunhão. O que temos em comum? O que nos distingue? Todo desenvolvimento da construção da pessoa deve acontecer sempre em relação consigo mesma, com o outro com Deus para o projeto.

O tempo do processo educacional é o período em que a pessoa conhece, confronta o Projeto de Jesus Cristo e suas centralizações com o projeto falso. A pessoa não pode simplesmente centrar-se em si mesma em seus espaços, limites, possibilidades, mas, precisa dar um salto para centrar-se no Projeto da Trindade. O período de educação formal não pode ser observado como um paraíso fictício, mas, um espaço favorável à construção-formação do discipulado de Jesus. O modelo é o próprio Jesus e a força dinamizadora é o Espírito. A mística ajuda a pessoa a descobrir as possibilidades de configurar-se com Jesus Cristo, e experimentar a bondade-misericordiosa de Deus-Pai-Mãe. Educar, à luz da comunidade trinitária, significa deixar-se contemplar por Deus em sua paternidade e maternidade amorosa, e contemplar a encarnação-missão-morte-ressurreição de Jesus, na dialética re-criadora do Espírito Santo, em vista do compromisso solidário com os pobres num gerenciamento da própria vida assumida e gasta, com o projeto do reino.

O processo educativo que forma discípulos para a possibilidade de um outro mundo movimentado pela paz, deve ajudar a pessoa a interagir consigo

mesma e com os outros, gerenciando seus próprios limites, e descobrindo as imensas possibilidades que a Trindade colocou em cada uma. Nesse processo, o místico/a vive a atitude de discípulo/a no barco de Jesus. Tudo na nossa vida tem um preço. Diante da evolução, que preço é preciso pagar? Diz A. Einstein: "Se não tem preço a pagar, então, não tem valor". Esse preço diz respeito à forma como estamos organizados, a nossa visão de vida cristã de Igreja e de mundo. As espécies no universo evoluem a partir de sua essência, crescem, se renovam, são revigoradas, mas não perdem a identidade. Manter a identidade é renovar-se, é buscar novas formas de permanecer na história, alterando-a. Uma árvore, que não foi podada, corre o risco de envelhecer e com o tempo seus galhos caírem, seu tronco apodrecer, tornar-se apenas uma árvore seca, destruída pelo envelhecimento e plena de cupim. Santo Agostinho denominou Deus de: "Beleza sempre Antiga e sempre Nova" Beleza essa, que cria e re-cria, numa auto-doação de si mesmo na evolução do mundo e da kénosis na cruz, para ressurgir plenamente na manhã da ressurreição.

A realidade do Deus-uno e trino, constitui ser um com o outro, para o outro, no outro, numa pericórese de amor, inter-relação de comunhão. É um caminho que devemos construir juntos, sem desviar-se do projeto do reino. Essa deve ser a única preocupação. O místico centraliza seus interesses no projeto de Deus. Aprende a ler na história, aquilo que corresponde ou não a vontade do Senhor. É um processo educativo que não se fixa no passado, mas, o releu à luz do presente das opções, em vista de um futuro novo que começa agora. O passado não pode determinar meu presente, influenciar sim, amarrá-lo não. A opção é sempre um caminho novo, é uma tomada de posição, um abandonar aquilo que já não correspondia à identidade da pessoa, a sua centralidade. A opção faz da pessoa uma pessoa nova, gerenciando novos rumos, sonhando novos sonhos. Jesus releu o passado de seu povo, situando-se no seu tempo, à luz do que acontece no presente da história, revelando o cumprimento do Ano da graça do Senhor (Lc 4, 14-19). A releitura, feita por Jesus, é uma verdadeira revolução na comunidade que se conforma em lembrar o que Deus havia feito para os antepassados, sem a

ousadia de arrastar para o presente e projetar no futuro a ação libertadora de Deus.

O passado de Jesus se faz presente junto com a história de Israel. Aquilo que não corresponde mais aos anseios do povo tem que ser renovado e Jesus tem que assumir as conseqüências. O místico é alguém que assume a ousadia de transformar em presente novo, aquilo que o passado tornou velho. O ser humano em seu próprio espírito é "uma força de transcendência, nunca pode ser encapsulado numa fórmula ou enquadrado em alguma estrutura. Ele desdobra e permanece sempre uma interrogação aberta para cima, para os lados, para dentro e para além dele mesmo". É uma das características da ciência contemporânea a ênfase nos aspectos quantitativos e o desprezo pelos aspectos qualitativos, os quais são essenciais. A mística cristã nos ajuda a resgatar o sagrado nos leva ao essencial.

### 5- ESPIRITUALIDADE COMO RESGATE DO SAGRADO

A experiência de Deus em Cristo exige um processo vivido à luz da cruz-ressurreição de Jesus. Na relação com Deus, consigo mesmo, com o mundo, o ser humano - mulher e homem - cria uma relação vital, imediata, sentida, e renovada. Deus se revela em Cristo e o homem o acolhe na liberdade, fruto do Espírito. Nessa dinâmica Deus é percebido como a natureza da natureza, Pai-Mãe da natureza. O homem percebe Deus no espelho da natureza. Esta é o primeiro livro do fiel místico, daquele que busca conhecer e experimentar Deus. Catarina de Siena dizia: "A Trindade é um mar profundo, quanto mais entro, mais encontro, quanto mais encontro, mais busco... quanto mais sacia, mais deixa-nos com fome de te buscar".

Hoje, quando nos debruçamos sobre o planeta, percebemos que o ser humano perdeu a consciência do sagrado. Não o sagrado e profano no sentido separatista que se falava, mas, o sagrado enquanto espaço da ação de Deus que é toda a criação. Isso leva o homem a compreender a natureza como posse sua, sobre a qual ele decide e, quase sempre, a destruindo. O

humanicídio que vemos é conseqüência da falta de uma ética que nos leve a considerarmo-nos como co-herdeiros do mundo, olhando a natureza como patrimônio das gerações atuais gerindo com as futuras gerações. Precisamos de um desenvolvimento durável que leve em consideração as futuras gerações. A Eco 1992- RJ - firmou a questão da biodiversidade. O futuro do mundo depende da mudança de nosso comportamento de nossas mentalidades. É necessário um projeto de reeducação mundial. Mudar ou desaparecer? A mudança exige uma revolução no conceito de Deus. O Deus da cruz e da ressurreição. O Deus criador que criou do nada, que organizou, que deu forma à nação cósmico-humana. Isso exige um diálogo com o eu profundo e com Deus. A espiritualidade descobre as dimensões ecológicas da responsabilidade humana pela paz, justiça e integridade de todo o criado.

### 6 - ESPIRITUALIDADE E MÍSTICA

Essa espiritualidade vem conectada com a experiência mística enquanto experiência do mistério de Deus, mas também enquanto mística do compromisso ético (Ex 3, 4). Ao mesmo tempo é uma mística que assume dimensão contemplativa ao afirmar a encarnação do Filho de Deus mediante o Espírito Santo, e a relação do mistério com a criação orientando-a para o reino da Trindade. Essa reflexão afirma espiritualidade como o sentir Deus numa experiência globalizadora e menos com o pensar Deus, associando-o ao espírito do tempo com a função de re-ligar e unificar experiências e práticas. A relação ecologia e espiritualidade implica uma nova visão cosmológica, que possibilita uma identificação do ser humano com a terra, sendo um com Cristo, com o Espírito e com Deus-Pai associado ao conceito de nova criatura (Cl 6, 15). A espiritualidade não significa outra coisa senão a vida no Espírito inter-relacionada com o todo da criação. É preciso deixar-se extasiar pela beleza e existência das coisas, mas é preciso lutar para que as coisas não deixem de existir e de serem belas. As guerras trazem a destruição, a desintegração da humanidade entre si e da natureza. É preciso, no resgate do sagrado, refazer a dimensão ética, a koinonia da casa-planeta. O futuro do

mundo apóia-se no Deus revelado no crucificado e ressuscitado. A ressurreição do Cristo é o início da nova criação. Nesse momento pascal, somos convidados a resgatar novas relações de justiça de direitos de cidadania de co-participação numa consciência planetária. A nova ética planetária deve ser a ética da reconciliação entre a comunidade humano-cósmica. O desafio ecológico é uma provocação constante para a espiritualidade, propõe uma visão panenteísta do universo em seus desdobramentos. Não é a religião o instrumento fundamental para estabelecer a ligação e sim a fé.

Conclusão: A Espiritualidade e Mística Cósmica da Casa Nova – Jesus Cristo o Primogênito da Nova Criação.

As dores do parto da salvação, o homem já começa a ser visto como co-criador, pois a criação anseia pela revelação dos filhos de Deus, ela sofre dores de parto...(Rm 8, 19. 22-23). O Apocalipse testemunha a ação criadora de Deus que se estende do homem singular ao mundo inteiro, à nova criação do cosmo (Ap 21, 1ss). A espiritualidade cósmica é a espiritualidade da nova Jerusalém, é um processo dialético entre o já e o ainda-não do reino e da cidade nova. A Jerusalém messiânica, a passagem da antiga criação para a nova criação, onde o cosmo é integrado definitivamente com a nação humana e serão apenas uma. Essa espiritualidade reconhece Deus habitando sua criação na qual o ser humano participa como membro da nova ordem inter-relacionado com toda biodiversidade (Ap 21-22).

A terra recuperará seus direitos, deixará de gemer em dores de parto e a humanidade será transformada de “satã da terra”, em anjo da terra, companheiro na dinâmica do reino. A terra deixará de ser receptáculo de bombas e de lutas sangrentas, e, se tornará um espaço da partilha de saberes, conhecimentos e experiências vividas, altar da co-participação da partilha eucarística do Cristo que se dá, do Espírito que dinamiza e do Pai-Mãe que abençoa, constituindo o reino da Trindade. Assim, o mundo será o palco da dança da Trindade, na valsa da vida nova, do humano que se torna nova criatura, e do cosmo liberto e respeitado. A terra não terá mais febre, o ser humano não morrerá de frio, porque, ambos unidos, serão harmonizados na comunhão e unidade do Deus trino.

- a) a humanidade será solidária com a criação
- b) haverá preocupação com o futuro das novas gerações
- c) Uma ética ecológica que nos coloca como co-herdeiros do mundo
- d) O fim do reino da quantidade
- e) Uma reeducação planetária
- f) O cuidado com o eu e o cuidado com o planeta terra. Essa é a Nova Criação de Deus. O futuro da Nova criação é a Trindade em tudo e tudo na Trindade.

A espiritualidade se interliga às categorias fé esperança e amor, associando-se ao conceito paulino de nova criatura (Gl 6, 15), mostrando a busca do ser humano para experimentar Deus em seu mistério de amor. Sem dúvida, desse ponto de vista, interiorizar esta realidade, vivenciá-la como experiência, sentir-se inserido e envolvido pela dinâmica do Espírito é ser espiritual, e elaborar uma nova espiritualidade. A nova cosmologia aponta para Deus como o Inefável, aquela realidade que é antes da realidade. Para Max Planck, formulador da teoria quântica, a ciência não pode resolver o mistério derradeiro da natureza. Por isso a última palavra não vem da ciência, mas da espiritualidade e das religiões, onde a descoberta do todo está para além das partes, da síntese e da análise. Conhecer implica inserir-se na totalidade. Aqui, articula-se ciência e mística mediante os conceitos, assombro e veneração; afirmando-se que do “assombro surgiu a ciência como esforço de decifração do código escondido de todos os fenômenos. Da veneração deriva a mística e a ética da responsabilidade”. Enquanto a ciência explica o como das coisas, a mística se deixa extasiar pela existência das coisas, venerando Aquele que nelas se revela.

Na nova cosmologia tudo está interligado, a imagem de Deus se apresenta estruturada de forma comunal, associa-se ao eixo de um Deus em comunhão com sua criação; de um Deus pessoal, o Deus vivente: Pai, o Filho e o Espírito Santo. A ânsia do ser humano não reside apenas em saber quem é Deus, mas em experimentá-lo em seu mistério<sup>23</sup>. Este é o novo

<sup>23</sup> L. Boff, *Grito da terra grito dos pobres*, M.F.SILVA., *Trindade, teologia da criação e ecologia*, TG/Jan/2003.

tempo, o tempo escatológico, onde a Trindade é glorificada em sua criação e o homem e a mulher se transformam em comunhão com todo o cosmos e o anjo da terra, e a terra se torna o altar da grande celebração do Reino da Trindade e toda criação, na liberdade dos filhos de Deus, canta para sempre as maravilhas da evolução do amor.

Profa. Dra. Ir. Maria Freire da Silva – ICM, é Doutora em Teologia Dogmática pela Pontifícia Università Gregoriana Roma e Professora na Pontifícia Faculdade de Teologia N. Sra da Assunção.

#### BIBLIOGRAFIA

- Actas de los Martires, BAC p. 438.
- BOFF, L.; *Grito da terra, grito dos pobres* Ática São Paulo 1995; FREIRE, S. M. *Trindade, teologia da criação e ecologia*, TG/Jan/2003.
- CIOLA, N.; *Teologia trinitaria: storia, metodo, prospettive*, Roma 2000.
- DEL GENIO, M. R.; "Mística" in *Dic. de Mística*, Loyola; Paulus, São Paulo 2003.
- GÄRTNER, B.; "Sofferenza" in *Dizionario dei concetti biblici del nuovo testamento*, Bologna 2000.
- HAMMAN, A.; "Espiritualidad" in *Diccionario Patristico y de la antiguedad cristiana*, vol. I Salamanca 1998.
- INÁCIO DE ANTIOQUIA., *Carta aos Esmiornitas XII*, 1; *Carta aos Mag*, p. 94.
- MESTERS, C., E OROFINO, F.; *Apocalipse de São João*, Vozes Petrópolis 2003
- MOIOLI, G., "Mística" in *Dic. de Espiritualidade*, Paulus São Paulo 1993.
- MOLTMANN, J.; *Doutrina ecológica da criação*, Vozes Petrópolis 1993.
- SPIDLÍK, T., "Mística" in *Diocionario patristico y de la antiguedad cristiana* vol. II Salamanca 1998.
- TILLICH, P.; in *Dizionario dei teologi*, Bologna 1992.
- ZÁK, L.; *Verità come ethos: la teodicea trinitaria di P. A. Florenskij*, Roma 1998.

## O CONCÍLIO VATICANO II NAS IGREJAS DO MARANHÃO:

### A PARTICIPAÇÃO DO EPISCOPADO E OS PRIMEIROS ANOS DE SUA RECEPÇÃO (1959-1968).\*

Sérgio Ricardo Coutinho

#### RESUMO

Este texto tem a intenção de inaugurar uma linha de pesquisa ainda não explorada. Na verdade, quer propor um objeto de estudo no campo da História da Igreja, dando um salto qualitativo em termos metodológicos: passar da soma das histórias locais da Igreja para uma história da Igreja como *comunhão das Igrejas locais*. Analisa e avalia, historicamente, o exercício da *colegialidade* nas Igrejas locais que compõem, juridicamente, a Província Eclesiástica do Maranhão ou, segundo a estrutura organizativa da CNBB, o *Regional Nordeste 5*.

\* Texto apresentado na Mesa-redonda: "40 anos de Concílio Vaticano II e sua recepção na Igreja do Brasil" no VI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES - ABHR – UNESP-Franca – 01 a 04 de junho de 2004.

\*\* Mestre e doutorando em História Social pela UnB, professor assistente de Ciência da Religião e pesquisador do Programa de Pesquisa e Documentação das CEBs "Memória e Caminhada" na Universidade Católica de Brasília (UCB). Professor de História da Igreja no Instituto de Teologia dos Franciscanos Conventuais São Boaventura (Brasília-DF), membro da Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR) e do Centro de Estudos de História da Igreja na América Latina (CEHILA-Brasil).